



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

OS CONTOS DE FADAS E OS ESTEREÓTIPOS FEMININOS:
ATRAVSSAMENTOS NOS DISCURSOS DAS CRIANÇAS

NATALIA DE ANDRADE MENDES

Rio de Janeiro

Abril/2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

NATALIA DE ANDRADE MENDES

OS CONTOS DE FADAS E OS ESTEREÓTIPOS FEMININOS:
ATRAVESSAMENTOS NOS DISCURSOS DAS CRIANÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio de
Janeiro como parte dos requisitos
necessários à obtenção do grau de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a: Núbia de
Oliveira Santos

Rio de Janeiro

Abril/2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

NATALIA DE ANDRADE MENDES

OS CONTOS DE FADAS E OS ESTEREÓTIPOS FEMININOS:
ATRAVESSAMENTOS NOS DISCURSOS DAS CRIANÇAS

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Núbia de Oliveira Santos

Examinadora 1: Prof.^a Dr.^a Deise Arenhart

Examinadora 2: Prof.^a Dr.^a Glória de Melo Tonácio

Dedico às crianças, que com simplicidade e inocência me fazem acreditar que vale a pena lutar pela educação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que nesses anos todos, esteve comigo protegendo-me dos percalços que enfrentei.

Agradeço aos meus pais, que me ajudaram e compreenderão todos os momentos que passei nessa longa jornada em busca do conhecimento e de uma realização pessoal.

À minha irmã, que compartilhou comigo ideias ao longo do caminho e que diversas vezes assumiu responsabilidades que seriam minhas para que pudesse estudar.

Aos meus familiares, que de algum modo contribuíram para minha formação, seja perguntando como estava à faculdade ou oferecendo conselhos.

A minha orientadora, Núbia de Oliveira Santos, que embarcou comigo na jornada da monografia em busca de uma reflexão crítica dos estereótipos femininos e que incentivou-me nesse caminho escolhido para entender de que forma os contos de fadas podem contribuir na construção da identidade da criança.

Aos professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro por seus esforços e contribuições a minha formação.

Às minhas amigas de graduação que estiveram literalmente, ao meu lado todos esses anos, porque com elas mergulhei nas exigências da graduação. As amizades e companheirismo foram fundamentais em minha formação. Agradeço, então a Ana Lúcia e Erika pelas conversas no carro e estarmos juntas no Pibid, e a Suellen, Thereza, Lucília, Adriana, Ana e Carol pela oportunidade de conhecer e estudar com vocês, pois acima de tudo formamos uma linda amizade onde sempre estivemos juntas, mesmo quando longe.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo central refletir sobre os atravessamentos dos estereótipos femininos nos processos de construção da identidade da criança a partir dos contos de fadas. Aprofundando sobre as concepções de identidade e contos de fadas, e buscando discutir esses estereótipos, mais especificamente como os estereótipos femininos encontrados nestes contos podem de alguma maneira, corroborar com a perpetuação de uma visão de mulher doce e frágil a espera do príncipe. A metodologia está pautada na pesquisa qualitativa e foi realizada baseada em uma pesquisa bibliográfica, e a coleta de dados deu-se por meio de entrevistas semiestruturadas com seis crianças de ambos os gêneros. No início, é exposta a introdução sobre os conceitos abordados no desenvolvimento desse trabalho, seguido da justificativa, objetivos e metodologia da pesquisa. O primeiro capítulo aborda sobre o surgimento e as concepções dos contos de fadas, com embasamento no aporte teórico. No segundo capítulo, trato sobre a construção da identidade da criança na perspectiva histórica-social, juntamente com outros temas pertinentes para a compressão da pesquisa. No terceiro capítulo são apresentados os resultados dos dados, obtidos através das entrevistas semiestruturadas, resultantes da leitura de duas histórias e posterior conversa com as crianças. Por fim, são apresentadas as considerações finais do trabalho, onde elucidado um apontamento na direção da necessidade de se problematizar de que forma os estereótipos de gênero são discutidos na sala de aula, e sua conseqüente ação no processo de construção da identidade da criança.

Palavras chave: Contos de fadas; Estereótipos Femininos, Criança, Gênero, Infância.

SUMÁRIO

Introdução	09
Capítulo 1: Os contos de fadas	12
1.1 O surgimento dos contos de fadas	14
1.2 Concepções sobre os contos de fadas	17
Capítulo 2: A formação da identidade da criança em uma perspectiva histórica-social	21
2.1 Contos de fadas e a construção da identidade da criança	24
2.2 O papel da mulher nos contos de fadas e na sociedade contemporânea	26
2.3 Surgimento e concepções sobre o feminismo e sua importância na desconstrução dos estereótipos femininos	30
2.4 O uso dos contos de fadas na sala de aula	32
Capítulo 3: Perspectivas das crianças sobre os estereótipos femininos	36
3.1 A romantização dos contos de fadas	38
3.2 Os estereótipos físicos e comportamentais nos contos de fadas	40
3.3 Os estereótipos de gênero: O olhar da criança em perspectiva	41
3.4 Diferenciações de gênero nas brincadeiras	43
Considerações finais	47
Referências	49

A princesa também sente, chora, sofre, sonha e ouve não.

Eu prefiro a verdade a essa discutível perfeição.

A princesa também briga, encrenca, berra e fala palavrão

Me recuso a buscar essa discutível perfeição.

(Sandy e Tatiana Parra– Discutível Perfeição)

INTRODUÇÃO

O desejo de estudar os atravessamentos dos estereótipos femininos no processo de formação da identidade da criança surgiu, inicialmente, a partir do interesse pessoal no segmento da educação infantil, pois é uma área que tenho grande desejo em atuar após minha formação, e aprofundou-se após a experiência do estágio obrigatório, onde pude acompanhar uma turma de creche na faixa dos três anos de idade. Passado um tempo li uma reportagem que falava sobre a importância da literatura na escola e nesse momento surgiu a ideia de falar sobre esse assunto na monografia. Assim, busco refletir sobre a importância da literatura, mais especificamente, dos contos de fadas e os atravessamentos dos estereótipos femininos na construção da identidade da criança. Portanto, o presente trabalho tem como tema central os estereótipos femininos presentes nos contos de fadas e de que forma os estereótipos podem estar presentes na formação da identidade da criança.

De acordo com Angst, Heineck e Pinton (2013, p. 68), que citam Zilberman (1982, p. 92) “a sociedade cria estereótipos de comportamento que devem ser seguidos pelos jovens, os quais desde cedo têm consciência do que esperamos deles quanto à linguagem, vestuário, maneiras, brinquedos [...]”. Considerando essa afirmação e o fato de que os contos de fadas são os primeiros livros que, usualmente, as crianças têm contato acredito que seja necessária uma reflexão e problematização acerca dos estereótipos femininos que são propagados – baseados em um padrão europeu. Em relação ao ambiente escolar cabe ao professor saber a melhor forma de utilizar os contos de fadas, mas que permita ao aluno compreender que os padrões descritos nos livros não podem ser tomados como únicos e universais.

O presente trabalho tem como objetivo central refletir sobre os atravessamentos dos estereótipos femininos nos processos de construção da identidade da criança a partir dos contos de fadas. Aprofundando sobre as concepções de identidade e contos de fadas, e buscando discutir esses estereótipos, mais especificamente como os estereótipos femininos encontrados nestes contos podem de alguma maneira, corroborar com a perpetuação de uma visão de mulher doce e frágil a espera do príncipe.

Uma pesquisa visa obter novas informações, podendo assumir diversas características de acordo com seus objetivos e em relação à abordagem são classificadas em quantitativas, que “considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões

e informações para classificá-las e analisá-las.” (Menezes; Silva. 2005. p. 20), e a pesquisa qualitativa que é usualmente utilizada nas áreas de ciências humanas, pois “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (*ibid*).

Como a pesquisa envolve identificar e analisar elementos difíceis de mensurar, como por exemplo, sentimentos, sensações, pensamentos, percepções, intenções, entendimento de razões, significados e motivações, especificamente das crianças as quais pretendo coletar, então nesse caso será utilizada a metodologia qualitativa. Em relação à coleta de dados, essa foi feita a partir de conversas com as crianças, após a leitura de contos de fadas, tendo em vista compreender o que pensam as crianças sobre os estereótipos femininos presentes naquelas histórias.

Para este estudo, organizei o trabalho em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, trago um aporte teórico acerca do surgimento dos contos de fadas e suas concepções. Em seguida, no capítulo dois abordo as contribuições teóricas ao que se refere à construção da identidade da criança e de que forma foi constituída de acordo com perspectiva histórica-social. Nos tópicos subsequentes desse capítulo há uma discussão sobre os contos de fadas e sua relação com o processo de construção da identidade da criança, depois direcionando a pesquisa para o tema pesquisado falo sobre o papel da mulher nos contos de fadas e na sociedade contemporânea, fazendo um paralelo entre as personagens femininas dos contos de fadas e a construção da identidade da mulher na sociedade atual. Posteriormente, articulo sobre o surgimento e concepções sobre o feminismo, falando sobre sua contribuição para a desconstrução de estereótipos femininos. Encerrando esse segundo capítulo, discorro sobre o uso dos contos de fadas na sala de aula, abordando a importância desse gênero literário na formação da criança e elucidando formas de se trabalhar com esse tipo de leitura, de modo que a criança reflita criticamente e possa problematizar os estereótipos de gênero propagados nas histórias.

No terceiro capítulo, apresento o resultado da conversa realizada com as crianças, mediante a leitura de duas histórias – Cinderela e Bela Adormecida, sendo respectivamente as versões escritas por Perrault (1628 – 1703) e os irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), aonde irei problematizar sobre os estereótipos femininos presentes nas histórias. Por fim, trago as considerações finais onde reitero a importância de se trabalhar com

os contos de fadas para desenvolver nas crianças o pensamento crítico, mostrando a necessidade de problematizar os estereótipos de gênero na sala de aula.

CAPÍTULO 1

OS CONTOS DE FADAS

A estrutura dos contos de fadas que conhecemos, atualmente, é diferente daquela de seu surgimento, em que possuíam um caráter mais impróprio e violento, além das preocupações do cotidiano. As histórias originais emergiram em um contexto no qual as crianças eram consideradas adultas em miniatura, e somente a partir do século XVII com as reformas religiosas que se começou a construir a noção de infância. Com essa nova noção de que a criança era um ser único e especial emergiu a necessidade de moralizar as crianças, então os contos de fadas tinham essa função.

O maior responsável pela reunião dos contos, que antes eram histórias contadas oralmente, foi Charles Perrault (1628 – 1703) que escreveu essas histórias e adicionou os conteúdos moralistas, tanto no decorrer da história, quanto no final, como pode ser observado nos destaques dos trechos abaixo, retirados da história Cinderela, do livro Contos de fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros:

Enfim o grande dia chegou. Elas partiram, e Cinderela seguiu-as com os olhos até onde pôde. Quando sumiram de vista, começou a chorar. Sua madrinha, que a viu em prantos, lhe perguntou o que tinha: “Eu gostaria tanto de... eu gostaria tanto de...” Cinderela soluçava tanto que não conseguia terminar a frase. A madrinha, que era fada, disse a ela: “Você gostaria muito de ir ao baile, não é?” “Ai de mim, como gostaria”, Cinderela disse, suspirando fundo. “Pois bem, se *prometer ser uma boa menina* eu a farei ir ao baile.” (MACHADO, 2010 p. 14).

[...] Beldade, ela vale mais do que roupas enfeitadas. Para ganhar um coração, chegar ao fim da batalha, *A doçura é que é a dádiva preciosa* das fadas. Adorne-se com ela, pois que esta virtude não falha. (MACHADO, 2010 p. 18).

Outra característica dos contos de fadas reunidos por Perrault é a presença de descrições violentas, que ele não eliminou ao escrever as histórias e mais uma vez percebe-se o objetivo de controlar as crianças por meio das descrições violentas, induzindo a ideia do que poderia acontecer com elas caso não obedecessem a ordens, como pode ser constatado nos realces abaixo, presentes na história Barba Azul, também retirados do livro de Ana Maria Machado:

Barba Azul se pôs a gritar tão alto que a casa toda tremeu. A pobre mulher desceu e foi se jogar aos pés dele, debulhando-se em lágrimas, toda descabelada. “Isso não adianta nada”, disse Barba Azul. **“Você tem de morrer.”** Agarrando-a pelos cabelos com uma das mãos e com a outra erguendo o cutelo no ar, estava pronto para lhe **cortar a cabeça**. A pobre mulher, voltando-se para ele com olhos moribundos, suplicou que lhe desse um momento para se preparar. “Não”, ele respondeu, “recomende a alma a Deus.” E erguendo o braço... (MACHADO, 2010 p. 50).

A curiosidade, apesar de seus encantos, **Muitas vezes custa sentidos prantos**; É o que vemos todo dia acontecer. Perdoem-me as mulheres, esse é um frívolo prazer. Assim que o temos, ele deixa de o ser. E é sempre muito caro de obter. (MACHADO, 2010 p. 51).

Em outro momento, os irmãos Grimm também reuniram os relatos orais e escreveram novas versões dos contos de fadas, todavia fizeram diversas modificações, pois apesar de serem destinados a crianças possuíam conteúdos inadequados, então essas histórias foram sendo alteradas e perderam as características violentas, mas permaneceram com os aspectos morais, como pontua Borges (2012) quando diz que os contos de fadas tem a intenção de transmitir certos valores sociais que devem ser seguidos pela sociedade, e entre eles a noção de pertencimento social – onde um grupo de pessoas tenham valores e interesses em comum.

Analisando da perspectiva histórica-social, percebe-se que o papel social da mulher era voltado para os serviços domésticos e o cuidado com a casa, filhos e maridos, além de uma imagem difundida sobre a mulher associada a uma ideia de fragilidade e proteção, e por essa razão necessitava de uma figura protetora, que poderia ser um pai, irmão ou marido. Considerando essa concepção sobre o papel social da mulher, os contos de fadas podem ser analisados nessa perspectiva, pois, em sua grande maioria coloca a mulher nessa posição de submissão e fragilidade, como por exemplo, na história da Cinderela na qual a personagem ao longo da história era tratada como empregada por sua madrasta e tem seu final feliz casando com o príncipe. Essa é uma das histórias em que se pode perceber uma clara definição do papel feminino, que nesse caso, era uma personagem submissa e em posição inferior, além é claro do conceito de felicidade associado ao casamento, pois Cinderela tem seu final feliz após encontrar e casar com o príncipe.

O contato das crianças com os contos de fadas atravessa o processo de construção de sua identidade, uma vez que a criança irá “experimentar outras formas, de ser e de pensar, possibilitando a ampliação de suas concepções sobre o meio, pois no faz de conta, a criança desempenha vários papéis sociais”. (Farias; Rubio, p.10). A visão que está impressa nos

contos de fadas sobre o papel feminino pode infundir no imaginário infantil a ideia de que o ideal feminino é aquele vinculado às características de submissão, tais como, fragilidade, passividade e necessidade de proteção, além é claro da propagação da ideia de que a verdadeira e eterna felicidade está ligada a imagem do casamento com um homem lindo e rico, representado pela figura do príncipe.

Apesar da forte presença dos contos de fadas no cotidiano da maioria das crianças, tanto em casa, quanto na escola, cada vez mais esses estereótipos estão sendo discutidos e refletidos criticamente, pois têm surgido novos livros e filmes que buscam uma mudança na visão do ideal feminino, todavia o foco dessas novas histórias não é definir um novo padrão, mas sim mostrar que existem mais coisas além daquelas histórias propagadas nos contos de fadas e que o objetivo final não precisa ser o casamento ou uma realização pessoal conseguida com ajuda de um homem, como por exemplo, no filme *Valente* no qual não existe um príncipe que no final irá casar com a princesa e serem felizes para sempre, pelo contrário, a personagem principal se rebela contra a decisão de seu pai em se casar e parte em uma aventura em busca de uma solução para seu problema, e a figura que a ajuda nessa aventura é a mãe, e o foco da história é a relação entre mãe e filha.

A justificativa para a elaboração dessa monografia é que refletindo essa temática enquanto futura pedagoga, estou de acordo com o pensamento de Couto e Campos (2009, p. 13) que trazem uma citação de Rejane Melo (2007, p. 21) a qual afirma que no ambiente escolar a leitura dos contos de fadas deve-se problematizada, objetivando contribuir para o “crescimento e o enriquecimento mútuo dos sujeitos”. Portanto, a leitura dos contos de fadas não deve ser feita apenas como um momento de distração dentro do ambiente escolar, e o professor deve buscar desconstruir os estereótipos difundidos nas histórias, visando à formação de uma criança crítica e consciente dos papéis sociais que pode assumir. Enfim fundamento a necessidade dessa pesquisa frente à desconstrução dos estereótipos de gênero no ambiente escolar, para que as crianças se desenvolvam sabendo que ela não é inadequada para os padrões expostos pela sociedade e que pode construir e alcançar um futuro diferente do que é imposto pela construção social baseado em seu gênero.

1.1. O surgimento dos contos de fadas

O surgimento dos contos de fadas não possui um período específico, porém pode ser afirmar que já havia indícios dessas histórias na Antiguidade, todavia não no modelo que

conhecemos hoje, até porque os livros voltados para as crianças só começaram a ser escritos por volta do século XVII, uma vez que foi nesse período que surgiu a preocupação com a criança a partir da nova formação familiar burguesa, que buscava uma aproximação familiar e não como era antes onde as crianças frequentavam os mesmos ambientes dos adultos sem se considerar suas peculiaridades. Os contos de fadas, eram em princípio, histórias passadas oralmente de geração em geração, com o objetivo de educar as crianças em uma determinada cultura, e dentro dessa possuía vários ensinamentos sobre como se portar e agir, tanto que as primeiras histórias produzidas foram feitas por professores e tinham por objetivo a doutrinação das crianças.

A literatura, embora não seja unânime, aponta para a origem céltica (século II a.C.) dos contos de fadas. Hisada (1998) aborda os escritos de Platão, nos quais mulheres mais velhas empregavam suas histórias recheadas de simbologia na educação de crianças. A autora cita Apuleio, filósofo do século 2 d.C., e seu romance “O Asno de Ouro”, que, em muito, lembra o conto “A Bela e a Fera”. Também no Egito, refere Hisada (1998), nos papiros dos irmãos Anúbis e Bata, foram encontrados registros de contos de fadas. (SCHNEIDER; TOROSSIAN, p. 134).

A origem do termo contos de fadas provém da cultura celta, onde a palavra contos remete as histórias e ensinamentos passados oralmente e a palavra fada está relacionada ao termo em latim *fatum* que tem como significado em português a palavra destino. Considerando a etimologia do termo, as fadas nessas histórias são seres mágicos capazes de mudar o destino da personagem que está com algum problema.

No princípio, os contos de fadas não eram histórias destinadas para as crianças, mas sim para o entretenimento dos adultos e, portanto, não eram adequadas para o público infantil. “Os contos, em sua essência, não eram destinados ao universo das crianças, uma vez que as histórias eram recheadas de cenas de adultério, canibalismo, incesto, mortes hediondas e outros componentes do imaginário dos adultos” (Schneider; Torossian, p.134).

Por volta de 1628, no final do século XVII, o poeta e escritor francês Charles Perrault (1628 – 1703) iniciou o processo de coletar esses relatos orais e passou a escrevê-los Perrault escutava as narrações populares dos camponeses e as adaptava de acordo com o perfil da corte francesa, retirando ao máximo as descrições de cunho sexual ou que remetesse a crimes, porém manteve o cunho moral, que segundo ele tinha “como finalidade servir de orientação e de ensinamento aos que a ouvissem”. (Schneider; Torossian, p. 135). Entre algumas obras que ele adaptou nesse período foram: Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, O pequeno polegar, Bela

Adormecida etc. Todavia os contos de fadas ganharam destaque com a coletânea criada pelos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm.

Os irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) foram um dos responsáveis por divulgar amplamente os contos de fadas. Por muitos anos, os irmãos Grimm recolheram relatos orais, principalmente, de sua vizinha Jeannette Hassenpflug, que por sua vez ouviu as histórias de sua mãe. Eles tiveram grande importância nos contos de fadas que conhecemos atualmente, pois o que escreveram chegaram a um número diverso de pessoas, que adquiriam os exemplares comprando de vendedores ambulantes, conhecidos como mascates. No total, foram publicados em média duzentas e dez histórias, divididas em três volumes, em um período de dez anos (1812 – 1822).

Seus contos são povoados por madrastas malvadas, príncipes encantados, casas de chocolate, bruxas perversas, feras, entre outros personagens singulares. Entre os contos que foram traduzidos para o português, destacam-se: A Bela e a Fera, Os Músicos de Bremen, Branca de Neve e os Sete Anões, Chapeuzinho Vermelho e Gata Borralheira. (SCHNEIDER; TOROSSIAN, p. 136)

Algumas de suas obras foram: o bom negócio, os doze irmãos, gentalha, Rapunzel, as três fiandeiras, as três folhas da serpente, cinderela, o enigma, o pescador e sua mulher, chapeuzinho vermelho, o casamento de dona raposa etc. Apesar do foco para as crianças, muitos criticavam as histórias justamente falando que o conteúdo não era adequado para o público infantil, porque os irmãos Grimm reproduziram as histórias como ouviam e não fizeram adaptações e não incluíram as lições de moral, todavia os contos permaneceram com as características violentas, e com isso induz nas crianças a ideia de não serem mal comportadas ou serão punidas, como pode ser observado no destaque abaixo da história de Branca de Neve, no qual mostra que a madrasta foi punida por sentir inveja:

A malvada mulher lançou uma praga e ficou tão paralisada de medo que não soube o que fazer. Primeiro resolveu não ir à festa de casamento. Como isso não a acalmou nem um pouco, viu-se obrigada a ver a jovem rainha. Quando entrou no castelo, Branca de Neve a reconheceu no mesmo instante. A rainha ficou tão aterrorizada que estacou ali, sem conseguir se mexer um centímetro. Sapatos de ferro já haviam sido aquecidos para ela sobre um fogo de carvões. Foram levados com tenazes e postos bem na sua frente. ***Ela teve de calçar os sapatos de ferro incandescentes e dançar com eles até cair morta no chão.*** (MACHADO, 2010. p. 79)

A estrutura dos contos de fadas atuais conservam algumas características dos primeiros exemplares escrito por Perrault, como por exemplo, a lição de moral presente no

final da história, além das características dos heróis que são sempre os salvadores e que protegem as donzelas, e também das heroínas que sempre estão à espera do príncipe e claro a bruxa má que sempre tenta prejudicar a heroína e as fadas que aparecem como o elemento mágico que irá resolver a situação. De acordo com Farias e Rubio (2012, p.6):

A essência do conto de fadas é o de abstrair conceitos formadores de caráter, uma vez que estabelece relação entre “bem e mal”, “certo e errado”. Seus valores são inúmeros: respeito, bondade, justiça, amizade, amor, franqueza, humildade, diferença, etc.

Ao ler um conto de fada, percebem-se alguns elementos que estão presentes em todas as histórias, e que vão se modificando de acordo com a temática, e são eles: uma situação inicial que geralmente é apresentada pela clássica sentença *Era uma vez*, o desenvolvimento da história onde aparecem os conflitos entre a heroína ou herói e a bruxa má ou madrasta, o elemento mágico que assume diferentes figuras, porém usualmente é a fada madrinha e por fim a resolução dos problemas.

As histórias são atemporais, apresentando verbos no pretérito imperfeito e clichês conhecidos como “Era uma vez...”; “Há muitos e muitos anos...”; “Manhã de verão...” Muitas vezes terminam com um final abrupto, devolvendo de repente o ouvinte para a realidade. Quase sempre supõe um êxito, um “final feliz”. Nos contos de fadas a realidade é dicotômica, marcha para a imposição do bem sobre o mal, instaurando uma ordem que deve ser inevitável (1981, ZILBERMAN *apud* CAMPOS; COUTO, 2009, p.5).

Os elementos que constituem os contos de fadas exercem um fascínio sobre os leitores e as situações que são apresentadas permitem uma aproximação com o mundo da criança, e dessa forma criaram um encantamento que perdura, atualmente, onde essas histórias são contadas para milhares de crianças ao redor do mundo, ou seja, as crianças se reconhecem e veem que seu cotidiano está representado nos contos, com seus problemas e soluções. Além da possibilidade de ajudar as crianças a lidarem com suas angústias, os contos de fadas estimulam a imaginação, pois através delas, as crianças são transportadas ao mundo que está sendo descrito nas histórias e podem sonhar e criar situações ou acontecimentos que não ocorrem em seu cotidiano.

1.2 Concepções sobre os contos de fadas

Desde muito cedo, a criança já tem contato com histórias que são contadas por seus familiares, sobre diversos assuntos, que em sua maioria são sobre a própria vida da criança, ou seja, histórias sobre seu nascimento e tudo o que aconteceu até aquele momento. Mais

tarde, outros relatos vão somando-se as primeiras histórias e a criança cada vez mais vai perguntando e descobrindo o mundo ao seu redor por meio das histórias contadas pelos adultos.

A narrativa faz parte da vida da criança desde quando bebê, através da voz amada, dos acalantos e das canções de ninar, que mais tarde vão dando lugar às cantigas de roda, a narrativas curtas sobre crianças, animais ou natureza. As crianças bem pequenas, já demonstram seu interesse pelas histórias, batendo palmas, sorrindo, sentindo medo ou imitando algum personagem. Neste sentido, é fundamental para a formação da criança que ela ouça muitas histórias desde a mais tenra idade. O primeiro contato da criança com um texto é realizado oralmente, quando o pai, a mãe, os avós ou outra pessoa conta-lhe os mais diversos tipos de histórias. A preferida, nesta fase, é a história da sua vida. A criança adora ouvir como foi que ela nasceu, ou fatos que aconteceram com ela ou com pessoas da sua família. À medida que cresce, já é capaz de escolher a história que quer ouvir, ou a parte da história que mais lhe agrada. É nesta fase, que as histórias vão tornando-se aos poucos mais extensas, mais detalhadas. (FARIAS; RUBIO, p.7)

Conforme a criança amadurece, esse contato com a literatura vai expandido e os relatos que antes eram feitos oralmente ganham o auxílio dos livros, que acompanham a vida da criança em várias etapas, pois existe uma infinidade de livros adequados a cada faixa etária. Desde bebê, a criança deve ter contato com o livro, mesmo que ainda não saiba ler é imprescindível permitir que ela manuseie e interaja com o livro, porque dessa forma ela já aguça o gosto pela leitura. A importância da leitura, desde cedo, abrange várias dimensões, pois possibilita o desenvolvimento de vários aspectos e em várias fases da vida, tais como, a criatividade, ampliação do vocabulário, melhora a concentração, estimula a memória, aprimora a escrita etc. Além desses, existem inúmeros outros aspectos que ajudam na fase etária da adolescência e também quando adultos, como por exemplo, redução do estresse por ser uma atividade terapêutica e prevenção no desenvolvimento de doenças como o Alzheimer.

Através deste recurso fabuloso, conseguimos o total domínio da palavra, traçando ideias e conhecimentos, sendo possível entender o mundo que nos cerca, nos transformamos e, ao nos transformar, abrimos nossas mentes para o desconhecido, passando assim a construir um mundo melhor para cada um de nós. Por meio da leitura resgatamos nossas lembranças mais especiais, que fazem parte da nossa cultura. Essa cultura que nos foi dada tem como finalidade a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus atos. (BRITO, 2010, p. 3)

Com relação à leitura para crianças, os contos de fadas, geralmente, é o tipo literário que primeiro tem acesso, não que não possam ler outros tipos de histórias, mas os contos de fadas “são mais facilmente apreensíveis graça à sua estrutura e aos seus temas, à utilização de

fórmulas de repetição. A sua linguagem metafórica permite à criança projetar-se em diferentes personagens e situações.” (Farias; Rubio, 2012, p.4).

Ao que concerne à definição sobre contos de fadas trago a contribuição de Silva (2010, p.14), que cita Coelho (1987), que por sua vez, define os contos de fadas como histórias que, necessariamente, não tem a presença da figura da fada, mas que geralmente se desenvolve em um ambiente mágico, aonde os animais falam e os objetos ganham vida, possui figuras familiares reconhecidas pelas crianças, tais como, pai, mãe, irmãos e madrastas, possui um eixo gerador no desenvolvimento da história – um problema ou situação para ser solucionada, focam em aspectos éticos inerentes a constituição do sujeito, a oposição entre o bem e o mal, a busca por riquezas materiais e a princesa normalmente vive na pobreza ou é submissa à personagem da bruxa ou madrasta.

Outra concepção sobre os contos de fadas é a de Cashdan (2000), empregada por Schneider e Torossian (2009, p.135) que: “afirma que o conto de fada tem quatro etapas: a travessia ou a viagem ao mundo mágico; o encontro com o personagem do mal ou o obstáculo a ser vencido; a dificuldade a ser superada; e a conquista (destruição do mal) ou a celebração da recompensa”. Como podemos notar ambos teóricos assumem o conto de fadas como um mundo mágico, onde existe um conflito entre o bem e o mal, uma dificuldade a ser sanada.

Os contos de fadas propiciam, ainda, através da oralidade, o primeiro contato que a criança tem com um texto. Por isso, deve-se permitir que ela ouça muitas e muitas histórias, pois, além de ser um passo inicial no seu processo de aprendizagem, certamente contribuirá no seu interesse pela leitura. (FARIAS; RUBIO, 2012, p.6)

Os personagens dos contos de fadas seguem um estilo característico onde a personagem feminina, representada pela princesa é colocada no papel de submissa e dotada de atributos ditos femininos, entre eles, doçura, amabilidade, bela, bondosa, prestativa, doçura, calma, integridade, modéstia e castidade. Já a personagem masculina, desempenhada pelo príncipe, assume traços associados ao gênero masculino, tais como, bravura, aventureiros, corajosos, fortes, destemidos, galante, salvador, herói e detentor de riqueza material. Sobre os atributos físicos, tanto princesas e príncipes em sua maioria seguem um padrão, tendo peles brancas, cabelos loiros ou claros e olhos claros. As princesas são magras e elegantes, e os príncipes altos e com porte atlético.

[...] Príncipes e princesas são personagens mais predispostos às aventuras. Os primeiros desempenham papéis ativos, heroicos e transgressores, servindo, muitas vezes, como intermediários, num resgate. As princesas são caracterizadas pelos atributos femininos que marcam a passividade e a sua função social como objeto do prazer e da organização familiar. Belas, virtuosas, honestas e piedosas, elas mereceram, como prêmio o seu príncipe encantado. [...] (1990, KHÉDE, p. 33 *apud* BARBOSA, 2009, p.6).

Analisando todos esses aspectos é importante pensar como foram construídos esses padrões, pois se sabe que a estrutura social de cada época é grande influenciadora na forma que foi escrito os contos de fadas, pois a partir dessa construção podemos pensar e investigar como esses arquétipos atuam na construção da identidade da criança, mas especificamente no desenvolvimento do gênero feminino, que será tratada nos próximos tópicos.

CAPÍTULO 2

A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA EM UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA-SOCIAL

Analisando a partir da perspectiva histórico-social, ao longo dos anos, percebe-se que a construção da identidade da criança é formada a partir das experiências que ela vivencia e observa durante a primeira infância, mas principalmente o meio social em que ela vive é determinante para definir e modelar sua identidade.

O conceito de identidade sofreu mudanças em cada tempo histórico e por isso pode ser definido de várias formas. Segundo Faria e Souza (2011), que citam Ciampa (1987) a identidade é “entendida como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos”. (p. 36) Outra conceituação sobre identidade é a de Dubar (1997) que “concebe identidade como resultado do processo de socialização, que compreende o cruzamento dos processos relacionais, ou seja, o sujeito é analisado pelo outro dentro dos sistemas de ação nos quais os sujeitos estão inseridos e biográficos, que tratam da história, habilidades e projetos da pessoa” (1997 apud Dubar; Faria; Souza, 2011, p.36).

Em relação à construção da identidade da criança é preciso esclarecer brevemente sobre a concepção de infância em cada período histórico, pois como a criança é um ser social que inserida em uma determinada sociedade é parte da mesma, é necessário conhecer a concepção de infância do período histórico-social que ela vivenciou e dessa forma estabelecer em quais bases ela construiu sua identidade.

A infância também é uma construção histórica e seu significado vai depender de diversas relações, sejam elas políticas, econômicas, sociais, ou culturais, então cada período caracterizou-se e entendeu-se esse conceito de uma forma. Durante a Idade Média, a criança não possuía um status de ser social, a infância compreendia o período entre o nascimento e os sete anos de idade, além disso, era considerado um ser incompleto e a “infância era tida como fase de transição para a vida adulta e para as relações sociais”. (1981 *apud* Ariés; Knaut, 2009, p.4), ou seja, eram tratadas como pequenos adultos, e se vestiam e aprendiam as tarefas da mesma forma que os adultos, sem nenhum tipo de tratamento especial.

No século XVII, esse quadro começou a mudar com a entrada das instituições religiosas e as reformas, que passou a cuidar da educação das crianças, porém inicialmente com o objetivo de educar moralmente e corrigir desvios que julgassem incorretos. Durante o final do século XVIII e início do XIX, surgiram alguns nomes que trouxeram grandes contribuições para se pensar a infância de uma nova forma e “surgem com uma nova ideia ou sentimento de infância que visa auxiliar este grupo etário a conquistar um lugar enquanto categoria social”. (Knaut, 2009, p. 5)

Atualmente, a criança tem sido vista como um ser único e especial, que necessita de cuidados específicos para promover seu pleno desenvolvimento, e existem inúmeros documentos e orientações educacionais para se trabalhar com a criança, contemplando sua diversidade e individualidade enquanto ser social, como por exemplo, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil que fala sobre a natureza da criança e das interações que estabelecem com aqueles que estão ao seu redor e a partir desse contato vão construindo sua identidade, e claro o que observamos demonstram através das brincadeiras, por isso a importância do brincar na constituição de suas identidades.

Considerando os apontamentos dos teóricos explicitados e os processos de construção histórica do conceito de identidade, acredito que posso compreender a identidade como um termo que é formado pela combinação entre os fatores biológicos, tais como, raça, gênero e idade, quanto os fatores construídos socialmente, entre eles, religião, crenças e valores ideológicos, e esses estruturados com base na concepção de infância em cada período histórico. Portanto, refletindo sobre o assunto estou em acordo com a afirmação de Hall (2006), trazida por Faria e Souza (2011, p.37) que diz:

Há três diferentes concepções de identidade que se relacionam às visões de sujeito ao longo da história. A primeira é denominada *identidade do sujeito do Iluminismo*, que expressa uma visão individualista de sujeito, caracterizado pela centração e unificação, em que prevalece a capacidade de razão e de consciência. [...]. Já a segunda, a *identidade do sujeito sociológico*, considera a complexidade do mundo moderno e reconhece que esse núcleo interior do sujeito é constituído na relação com outras pessoas, cujo papel é de mediação da cultura. Nessa visão o sujeito se constitui na interação com a sociedade, em um diálogo contínuo com os mundos interno e externo. Ainda permanece o núcleo interior, mas este é constituído pelo social, ao mesmo tempo em que o constitui. [...]. Por último, apresenta a concepção de *identidade do sujeito pós-moderno*, que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas é formada e transformada continuamente, sofrendo a influência das formas como é representado ou interpretado pelos diferentes sistemas culturais de que toma parte.

No tocante à construção da identidade da criança e a influência dos contos de fadas na mesma, que será abordado com mais detalhes adiante, podemos falar que a criança está em constante processo de formação e todos os estímulos que têm acesso contribuem de alguma forma para sua construção enquanto indivíduo. A princípio, os contos de fadas eram compostos por histórias que representavam a estrutura social de cada tempo histórico e eram usados para inculcar valores e comportamentos para as crianças, pois, dessa forma a identidade dessa criança ia sendo moldada de acordo com o que era esperado em cada sociedade, sendo que mesmo após tantos anos seu papel não mudou completamente, pois sua estrutura continua propagando um ideal a ser seguido, principalmente, ao que se refere ao gênero feminino, como será discutido posteriormente.

Um dos fatos que evidencia a relação entre a formação da identidade da criança e os estereótipos femininos dos contos de fadas se deve ao fato de que por meio dessas histórias as crianças encenam vários papéis sociais, usualmente nas brincadeiras em grupo, como por exemplo, brincando de casinha. Todavia, nos contos de fadas a personagem feminina e sua felicidade estão sempre associadas aos afazeres domésticos, ao casamento com um homem rico e bonito e principalmente a um padrão de físico e comportamento, que não corresponde à forma e biótipos que os indivíduos da sociedade atual possuem.

À vista disso a questão a ser refletida nessa pesquisa é entendida na direção de como a identidade é construída na perspectiva Hall (2006) exemplificada acima, que divide essa construção em três princípios, sendo o primeiro referente à identidade individual do sujeito, no nível da consciência, o segundo relacionado à interação social em conjunto com a identidade individual e por fim uma identidade que não é fixa, ou seja, está em constante mudança acarretada pela construção social de um sujeito. Os contos de fadas perpassam os três princípios, porque como já falado as histórias são produtos de uma construção social e também individual, uma vez que ambos os princípios estão interligados, então os estereótipos femininos dos contos de fadas tem relação com a construção da identidade da criança enquanto um gênero literário que está presente no cotidiano das crianças desde a mais tenra idade e por meio deles as crianças criam uma determinada imagem que é interpretada na identidade individual e projetam na identidade social, como já dito por meio das brincadeiras. Portanto, considerando que os estereótipos femininos dos contos de fadas apresentam um discurso sobre o lugar da mulher na sociedade, esse discurso quando interpretados em uma

esfera individual, e externalizados na esfera social, pelas crianças, passam a fazer parte nesse processo de construção da identidade.

2.1 Contos de fadas e a construção da identidade da criança

A leitura dos contos de fadas age como uma ponte entre o imaginário e o real, apresentando o dinamismo das diferentes culturas e representam a estrutura da realidade social. Um espaço de significações, aberto às emoções, ao sonho e à imaginação, funcionando como caminho para que a criança pense a sua condição social, seu pertencimento, fazendo emergir conflitos e valores que, de outra maneira, talvez não fosse possível expressá-los e representá-los (CAMPOS; COUTO, 2009 p.2).

Essa afirmação de Campos e Couto (2009) mostra como os contos de fadas são importantes para a construção da identidade da criança, principalmente se considerado que esse é um gênero literário que elas têm acesso desde a mais tenra idade, como já foi mencionado nos tópicos anteriores. Através das histórias, a criança viaja por lugares e possui a imaginação de se colocar no lugar das personagens e por meios delas lidar com seus medos, dúvidas, anseios e preocupações.

Os contos de fadas são importantes, porém é preciso problematizar, porque pode tanto estar contribuindo para a formação de um indivíduo crítico dentro da realidade que se vive ou estar contribuindo para a transmissão de condutas e valores que se espera das crianças, como pontuado por Campos e Couto (2009), que falam sobre o exemplo demonstrado nas histórias e que permitem o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento social, todavia para isso faz-se necessário à reflexão da história e não simplesmente utilizar o livro como simples entretenimento:

Entretanto, um ponto significativo que serve de ligação das crianças com os contos de fadas é a exemplaridade. Nas referidas histórias havia a intenção de transmitir determinados valores ou padrões sociais a ser respeitados pela comunidade. [...] Entre os valores transmitidos está a noção de pertencimento social – sentimento de adesão a princípios e visões de mundo comuns, que faz com que as pessoas sintam-se participantes de um espaço/tempo, ocupando o seu lugar de destaque na sociedade. (CAMPOS; COUTO, 2009, p. 4)

A fase que as crianças são mais expostas aos contos de fadas é no estágio de desenvolvimento pré-operatório, proposto por Jean Piaget, que compreende entre os dois e sete anos de idade e é nessa fase que a criança apesar de ter a capacidade de atuar logicamente, ela ainda terá um entendimento da realidade que oscila entre o real e imaginário.

Portanto, nesse estágio os contos de fadas funcionam como um recurso que ajuda a criança através da fantasia compreender a diferença entre o que é imaginário e o que acontece em sua volta. Outra característica da criança nesse estágio de desenvolvimento é o egocentrismo – têm dificuldades em compreender pontos de vistas divergentes do seu – então os contos de fadas auxiliam a criança perceber que existem várias personagens em uma mesma história e cada uma tem sua importância, e também se em algum momento a história for recontada cada criança poderá recontar de uma forma, sem que uma versão seja melhor ou pior do que a outra, além de auxiliar para que a criança escute o próximo e de favorecer o processo de socialização.

O conto é um instrumento de trabalho muito importante que auxilia a criança a lidar com a ansiedade que está vivenciando e superar obstáculos, favorecendo para o desenvolvimento da personalidade. A criança concentra-se mais e aprende a respeitar o outro através dos contos e histórias infantis. (2003, RADINO, *apud* HOLZSCHUH; STUDZINSKI, 2012).

Os contos de fadas se trabalhados em uma perspectiva crítica e reflexiva são um ótimo recurso pedagógico, já que desenvolve inúmeros benefícios na criança, como por exemplo, melhora a concentração, e a memória, além de ajudá-las a lidar com situações do cotidiano e vencer desafios, estimulando seu raciocínio na solução dos problemas. Segundo Oliveira (2008. p. 40) ‘a narrativa dos contos leva a criança a desenvolver o pensamento abstrato, analítico, sintético e até mesmo crítico, já que, geralmente, os contos estão impregnados de “lições” de todo o tipo’, então o docente tem em mãos um recurso que pode ser utilizado para levar a criança a pensar sobre os papéis sociais expostos nas histórias e depois transpassar o que assimilou para a vida real, ou seja, os contos possibilitam que a criança correlacione as histórias com seu cotidiano, fazendo uma ponte entre o mundo interno e externo, como pontuado na citação abaixo:

Neste contexto, podemos dizer que os contos de fadas aumentam a autoestima das crianças tendo grande importância na sua formação emocional, psicológica, cognitiva e intelectual, conscientizando-as de que sua participação no contexto social é importante. [...]. Esses contos são mais facilmente apreensíveis graças a sua estrutura, aos seus temas, e a utilização de fórmulas de repetição. A sua linguagem metafórica permite a criança projetar-se em diferentes personagens e situações. Para refletir sobre a relação entre a interpretação do texto literário e a realidade, não há melhor sugestão do que obras infantis que abordem questões que envolvam situações do nosso tempo, [...], com problemas universais que são inerentes ao ser humano. (SILVA, 2010. p33)

Os contos de fadas são valiosos para as crianças, tanto no ambiente educacional formal, quanto no informal, mas para que seja possível realizar um trabalho que favoreça a diversidade é imprescindível trabalhar reflexivamente os personagens das histórias, que são padronizados com base no estereótipo europeu, pois como mostrado por Silva (2010) as crianças se projetam nas personagens, contudo se as personagens transmitem um único padrão físico e comportamental não há forma de abarcar toda a diversidade cultural e física de cada criança. Entretanto, os contos de fadas são usados, muitas vezes, nas escolas com um recurso inicial para se pensar em outras propostas relacionadas à história, como por exemplo, uma atividade de pesquisa sobre os costumes, vestimentas, alimentação e cultura representados na história escolhida.

2.2 O papel da mulher nos contos de fadas e na sociedade contemporânea

Os contos de fadas em princípio tinham um caráter educador e moralizador, no sentido de delimitação, em razão dos valores morais e de conduta explícitos nas histórias. Tais valores eram aplicados às crianças, porém com mais ênfase para as meninas que deveriam ter um comportamento impecável e de acordo com o que pregava os bons costumes. Ao longo dos anos, essas histórias foram recontadas milhares de vezes e até hoje permanecem enraizados em nossa cultura princípios e modelos de como se portar em sociedade, princípios esses que são, sobretudo direcionados as mulheres e acarretam inúmeros problemas de preconceito e repressão em geral.

Outra questão interessante relacionada ao papel feminino é que os contos de fadas demonstram um ideal de modelo físico, já exemplificado anteriormente, que é absorvido pelas crianças, que por sua vez acreditam que aquele modelo é o mais aceitável pela sociedade, todavia em um mundo multicultural – onde convivem várias culturas dentro de um mesmo território – e existem indivíduos de diferentes raças, credos, religiões e aspectos culturais diversos esse modelo mostrado nas histórias não abrange o público infantil em sua plenitude. De acordo com Campos e Couto (2009, p.5) “os contos de fadas apresentam um caráter plurifuncional e age no imaginário infantil exercendo influência na vida das crianças, seja pelos seus significantes linguísticos, seja pelas possibilidades interpretativas e identificatórias possíveis nas suas obras”. Esse fator de identificação citado pelas autoras, em grande parte não estão presentes nos contos de fadas, pois como já apontado nessas histórias às

personagens são descritas com base no padrão europeu, ou seja, reforçam um modelo único de estereótipos masculinos e femininos.

Nos contos, o papel da mulher era de servir a casa, os filhos e maridos e possuíam como atributos “asseio, doçura, discrição, delicadeza, inteligência, fofura, meiguice, amabilidade; e algumas competências, como gostar de cozinhar, ser prendada, ser divertida, gostar da cor rosa, não ser gulosa e ficar à espera do príncipe encantado.” (Xavier, 2011, p.594), e em relação às características físicas são brancas, loiras, altas, cintura fina, cabelos longos e lisos, ou seja, todas essas características de comportamento e constituição física é difundido socialmente e culturalmente como um exemplo a ser seguido.

Como já elucidado, os contos de fadas eram histórias contadas pelo povo e, portanto representavam a estrutura social de cada época, e o papel da mulher nessas sociedades eram relegadas a um segundo plano, elas eram responsáveis pelo lar e possuíam características que a caracterizavam como submissa ao homem – figura de pais, irmãos e maridos – e que deveria seguir uma gama de ensinamentos para serem consideradas boas moças. Esse estigma permanece na atual sociedade patriarcal e sexista, onde é claro a luta das mulheres por um mundo onde não somos delimitadas por nosso gênero, está cada vez mais presente em nosso cotidiano, através do feminismo que será explanado sobre mais adiante.

Os adultos educam as crianças marcando diferenças bem concretas entre meninas e meninos [...] Educados assim, meninas e meninos adquirem características e atribuições correspondentes aos considerados papéis femininos e masculinos. As crianças são levadas a se identificarem com modelos do que é feminino e masculino para melhor desempenharem os papéis correspondentes. Os atribuídos às mulheres não são só diferentes dos do homem, são também desvalorizados. Por isso, as mulheres vivem em condições de inferioridade e subordinação em relação aos homens. (FARIA; NOBRE, 2007, p. 1).

Com o surgimento da burguesia e a conseqüente consolidação do capitalismo – século XX – se estabelece uma separação entre as esferas públicas e privadas, sendo a esfera privada o lugar em que a mulher deve ser situada, ou seja, nos cuidados com a família, e em contrapartida a esfera pública deveria ser acessada pelo homem, que teria a função de provedor da família, contudo vale ressaltar que nesse cenário de fortalecimento esses papéis eram desempenhados por homens e mulheres da burguesia – classe social que buscava enriquecimento pela exploração de mão de obra, ou seja, mesmo sendo uma classe favorecida

economicamente ainda há diferenças entre gêneros e a mulher continua em um papel de submissão.

Ao que se refere ao proletariado – classe dos assalariados, o quadro existente onde a mulher tinha apenas um papel doméstico começou a sofrer uma mudança, porque as mulheres necessitaram buscar empregos nas indústrias e ingressaram no mercado de trabalho, em decorrência de uma necessidade financeira, contudo apesar dessa modificação o papel da mulher ainda era considerado inferior ao do homem, e mesmo com a importância do ingresso da mulher no mercado de trabalho que possibilitou uma maior independência, outras questões surgiram, como por exemplo, a luta por melhores salários, e a repressão masculina, dado que a mulher além de trabalhar nas indústrias, deveria continuar responsável pelo trabalho doméstico, como pontua Barreto e Jesus (2012, p. 21) ao utilizarem a citação de Saffioti (1991, p. 50): “No seio da família, a dominação masculina pode ser observada em praticamente todas as atitudes. Ainda que a mulher trabalhe fora de casa em troca de um salário, cabe-lhe realizar todas as tarefas domésticas.”.

Nesse contexto a mulher se vê forçada a adaptar-se a uma nova condição, passando por transformações sociais, econômicas e principalmente psicológicas, precisando então a partir disso reavaliar sua situação de mulher e conseqüentemente seus valores. [...]. Assim o que antes era tido como normal, ou seja, a permanência das mulheres nos lares, agora o normal é sua participação no mercado, abandonando a condição de filhas, esposas, obedientes e submissas e adquirindo características de uma nova mulher. (BARRETO; JESUS, 2011, p.19).

Atualmente, o papel da mulher sofreu diversas mudanças e a cada dia conquistamos novos objetivos em diversos aspectos, tais como, econômicos, sociais, psicológicos e culturais. Essas transformações vêm acarretando novas buscas e lutas por mais independência e melhores condições de trabalho, além da constante esforço para que a visão de uma sociedade patriarcal não seja mais imposta como forma de coerção às mulheres, onde em várias partes do mundo somos consideradas inferiores e submissas a figura masculina, onde a violência contra mulher e ataques de forma geral é constante, o preconceito e discriminação contra cor, raça, credo, religião e opção sexual são mais motivos para sermos julgadas, as crianças são sexualizadas precocemente, e muitas outras problemáticas. Nessa direção o feminismo e seus movimentos, que abordarei a seguir, têm ajudado de forma significativa conscientizando a sociedade de forma geral sobre os problemas enfrentados pelas mulheres

em face da estrutura social que vivenciamos baseada em um modelo patriarcal, onde a figura do homem é vista como superior a da mulher.

Outro tema pertinente que se é discutido amplamente é a relação entre um padrão físico veiculado como desejável e os diferentes biótipos de corpo e características que as mulheres possuem, pois esse assunto gera debates e reflexões sobre a imposição desses padrões inalcançáveis. Nessa direção Barreto e Jesus (2011, p. 21) trazem uma reflexão interessante sobre a constituição da mulher contemporânea:

Outra característica que constitui a mulher na sociedade capitalista é a forma como sua imagem é veiculada, onde ela é vista como objeto de consumo, bem como um objeto a ser consumido, escrava de padrões de belezas que são determinados e passam a reger sua vida. A mulher nessa perspectiva parece perder sua identidade, e a mesma passa a ser secundária diante da necessidade de ser aceita e estar dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade atual.

Os papéis femininos nos contos de fadas e na sociedade atual não estão de forma alguma dissociados, mas pelo contrário, os padrões explicitados nas histórias projetam a mesma imagem que somos expostas todos os dias, ou seja, para nos adequar e sermos aceitas na sociedade precisaríamos nos sujeitar a nos modificar, tanto internamente, quanto externamente, e essa persuasão é feita de muitas maneiras, sendo os veículos de comunicação em massa – televisão, rádio, jornais e internet, responsáveis por grande parte da exteriorização desses arquétipos. Em relação ao trabalho do professor, ao utilizar os contos de fadas Farias e Rubio (2012, p. 4) trazem para reflexão uma citação de Dohme (2003, p. 21), que fala sobre as preocupações dos docentes em formar um cidadão crítico:

Sem dúvida, pensando no cidadão de amanhã, uma das maiores preocupações dos professores e até mesmo dos pais é de formar um homem e uma mulher que sejam críticos, que tenham capacidade de analisar o que está à sua volta, de avaliar o que está de acordo com seus princípios e o que não está e de tomar decisões de acordo com as suas próprias convicções.” Por exemplo: As crianças pequenas ficarão encantadas quando Cinderela se apaixonar imediatamente pelo príncipe. Mas, as mais velhas poderão ser questionadas se somente o fato de ser bonito, rico e poderoso é suficiente para alguém se apaixonar.

Pensando na perspectiva dos contos de fadas, reitero que os mesmos são um ótimo recurso pedagógico, uma vez que trabalhados em uma perspectiva crítica, podem contribuir para a formação e reconhecimento identitários das crianças que não se sintam representadas nos contos, e essa citação é relevante para se pensar de que forma os docentes podem

trabalhar com as crianças esses estereótipos das histórias, de forma que elas compreendam que existem outros traços diferentes dos contados nas histórias, mas que são igualmente bonitos cada um em sua individualidade. E uma complementação que deve ser feita com as crianças é permitir que elas tenham acesso a outros tipos de contos de fadas – que mostram diferentes tipos de físicos – tais como: Chapeuzinho Amarelo, A Pior Princesa do Mundo, Pretinha de Neve e os Sete Gigantes, A Princesa Sabichona e até As Princesas Soltam Pum, pois dessa forma elas irão correlacionar os dois tipos de livros e problematizar os padrões impostos e perceber que o mundo e elas podem ir muito além do “E foram felizes para sempre...”.

2.3 Surgimento e concepções sobre o feminismo e sua importância na desconstrução dos estereótipos femininos

Quando falamos de feminismo, tem-se a errônea ideia que seu surgimento e ascensão foram recentes, principalmente com a utilização das redes sociais, contudo esse movimento já existia desde a inquisição da igreja católica – grupo de religiosos que investigavam e julgavam supostos hereges e feiticeiros, acusados de crimes contra a fé católica – não com essa denominação, mas sim a ideia de mulheres lutando por seus direitos, o que na realidade ocorreu em diversos momentos da história das sociedades de um modo geral. “Mas a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto.” (Pinto, 2010, p. 15), e da mesma forma ocorreu no Brasil, onde o direito ao voto foi a primeira manifestação de feminismo em busca de um direito das mulheres, sendo que essa garantia foi efetivada em 1918 na Inglaterra e 1932 no Brasil quando promulgou-se o novo código eleitoral, e desse momento em diante várias lutas surgiram, sempre objetivando a busca pelos direitos das mulheres.

De acordo com Pinto (2010) com relação ao movimento no Brasil seu ápice foi nos anos oitenta, porque surgiram diversos grupos que discutiam uma variedade de temas, entre eles, violência, direito ao trabalho, sexualidade, luta contra preconceitos, racismo e também esses movimentos buscaram uma aproximação com outros grupos que se encontravam nas camadas populares e além desses assuntos debatiam outros relacionados à qualidade de vida dessa comunidade, tal como, moradia, educação, saneamento básico e saúde. Por meio desses

movimentos uma importante conquista foi obtida, a criação do Conselho Nacional da Mulher, que tinha como objetivo incluir novos direitos para as mulheres na nova constituição de 1988.

Outra grande conquista foi o aparecimento de organizações não governamentais que promoviam junto ao Estado a nível local e global medidas de proteção à mulher, especialmente contra a violência, e conjuntamente almejavam o aumento da participação feminina no cenário político. Através do trabalho dessas organizações, conquistamos uma delegacia que atende especialmente mulheres e o mais significativo ganho foi a criação da lei 11.340 de 7 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha – que ampara e visa reprimir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

Como observado, a luta das mulheres e por seus direitos sempre esteve presente na sociedade e o feminismo surgiu como um movimento para acrescentar nessa busca e dar voz a mais pessoas que buscam não somente a equidade de gêneros, mas que almejam a transformação de uma sociedade patriarcal em que a mulher é considerada inferior em diversos aspectos e que, principalmente, se conquiste-se mais respeito às mulheres e suas escolhas de vida. Apesar da importância do feminismo, muitos não sabem seu significado e objetivos, e minimizam sua relevância. Então, para esclarecer seu significado explico duas definições sobre o feminismo.

Para Pinto (2010) ela entende o feminismo como um movimento libertário que além de lutar pela ampliação do espaço da mulher no âmbito profissional, político e educacional, também busca “uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo.” (p. 16), pois quando aborda sobre a dominação do homem sobre a mulher afirma que a mesma não pode existir, uma vez que não é possível um ser superior ao outro sendo que cada um possui características distintas.

Em seu artigo Crescêncio (2011, p. 139) traz para reflexão a definição de feminismo presente no dicionário, Houaiss de Língua Portuguesa (2009): “É uma doutrina que preconiza o aprimoramento e a ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade, sendo ainda uma teoria que sustenta a igualdade política, social e econômica de ambos os sexos e também uma atividade em favor dos direitos e interesses das mulheres.”. Por fim, trago a significação de feminismo de Soares (1994, p. 33), que diz:

O conceito de feminismo aqui utilizado parte do princípio de que o feminismo é a ação política das mulheres. Engloba teoria, prática, ética e toma as mulheres como sujeitos históricos da transformação de sua própria condição social. Propõe que as mulheres partam para transformar a si mesmas e ao mundo. [...]. Reconhece um poder não somente no âmbito do público-estatal, mas também o poder presente em todo o tecido social, fazendo a concepção convencional da política e a noção de sujeito se ampliarem.

Por meios dessas definições, podemos notar que as interpretações sobre o feminismo são similares e de forma geral todas buscam uma maior autonomia para as mulheres, para que dessa forma possam assumir lugares nos âmbitos políticos, profissionais, educacionais, sociais e muitos outros e vale ressaltar que o feminismo proporciona benefícios para a sociedade como um todo, pois busca a igualdade e direitos sociais.

Como observado durante o desenvolvimento dessa pesquisa a construção social de gênero ocorre do nosso nascimento ao longo de nossa vida e desde cedo se faz diferenciação entre meninas e meninos. Obviamente, homens e mulheres são diferentes biologicamente, porém essa separação ultrapassa os limites do biológico, quando, por exemplo, os meninos ganham bolas e as meninas ganham bonecas, ou então em outra etapa da vida durante a escolha de uma profissão, em que se ainda preconiza que existem profissões condizentes e adequadas para homens e mulheres, apesar de já termos caminhado um longo percurso pela quebra desses paradigmas.

Nessa perspectiva, o movimento feminista surge como uma contribuição positiva para a desconstrução dos estereótipos, pois através das diversas páginas de divulgação – principalmente nas redes sociais – ajudam a ampliar o número de pessoas que têm acesso às informações que possibilitam pensar em formas de desconstruir esses estereótipos, além de favorecer o desenvolvimento de um pensamento crítico nas pessoas que acessam essas informações. O feminismo conquistou seu espaço nos meios de comunicação enquanto um movimento que luta para alcançar os mesmos direitos entre os gêneros e sua importância se dá justamente pelo motivo de um dos seus principais norteadores ser a busca pela desmistificação dos paradigmas e estereótipos atribuídos as mulheres.

2.4 O uso dos contos de fadas na sala de aula

Durante a elaboração desse capítulo em diversos momentos foi abordado a importância da leitura para a formação da identidade da criança, e sem dúvida a ela tem sua

relevância e permite a criança imaginar, criar e vivenciar os papéis sociais por meio das brincadeira de faz de conta, além é claro do estímulo à leitura de modo geral., no entanto é preciso que essa atividade não seja vista como banal e corriqueira, mas que seja vivenciada de modo a oferecer uma gama de histórias que falem sobre diferentes culturas, pois dessa forma a criança terá acesso a várias facetas de cada história e a partir destas se constituir como um indivíduo reflexivo, e não apenas como receptor de conhecimentos.

Apesar de muito ter sido falado sobre a importância da leitura para a constituição da criança, muitos pais e profissionais da educação e da psicologia têm dúvidas sobre a utilização dos contos de fadas na sala de aula, como pontua Vieira (2005) na reportagem da revista intitulada Criança, veiculada pelo Ministério da Educação. Ela aborda a discordância ao uso dos contos de fadas ao que concerne a preocupação em mostrar “a personificação do bem e do mal em determinadas personagens, as soluções mágicas para os problemas mais complexos e toda a tensão emocional provocada pela narrativa desses contos vão proporcionar às crianças uma visão muito negativa da realidade” (Vieira, 2005. p. 10), e o principal argumento é que pode provocar ansiedade e tristeza nas crianças. Por outro lado, existem profissionais que concordam com a utilização dos contos de fadas justamente porque os mesmos mostram as adversidades da vida e a criança tendo acesso aos contos permite que ela vivencie esses sentimentos, através da reprodução dessas histórias pelas brincadeiras, e dessa forma lidem com as emoções, e claro é uma oportunidade de conhecerem a outras culturas por meio do livro.

Os acontecimentos objetivos da vida da humanidade são a nossa história. Os acontecimentos subjetivos, as vivências interiores criaram as histórias. A história fala-nos dos acontecimentos conhecidos da realidade externa, do desenrolar dos fatos que foram sendo registrados nas comunidades e que explicam em parte, como se efetivaram as realizações culturais dos grupos humanos, como se estabeleceram os grupos étnicos, como se definiram as nações. (VIANA, 2005, p. 10. Revista Criança. Ministério da Educação.)

No tocante à forma que o professor deve trabalhar os contos de fadas em sala de aula vale salientar que eles devem ser utilizados de forma a oferecer um desenvolvimento completo a criança, ou seja, os aspectos físicos, cognitivos e psicológicos devem ser considerados, então na hora da seleção da história o docente deve ter em mente que a escolha do livro não deve ser ao acaso e não somente como entretenimento ou para passar o tempo, mas deve ser feita cuidadosamente pensando nos alunos e suas individualidades. É claro que

um único livro não irá abarcar todas as questões que queira discutir na sala de aula, por isso se faz necessário que a leitura do livro se torne uma constante.

A questão com esses levantamentos não é dizer o que é certo ou errado, mas sim compreender que esses conceitos não devem ser expostos as crianças como forma de coerção, pelo contrário devem ser discutidos e adequados para a realidade social, então nessa perspectiva estou em concordância com a colocação de Soriano (2009, p. 64):

A cultura é uma construção coletiva da humanidade, um processo social. Desta forma, os Contos de fadas, enquanto manifestações culturais são ressignificados conforme as variações ocorridas no contexto social no qual se está inserido. Entretanto, estes contos ao refletirem certos costumes sociais passam a representar padrões comportamentais tal como pretendido por Charles Perrault ao inserir conclusões morais ao término de cada conto. Com isto, pode acabar por reforçar um estereótipo em detrimento de outras características, desrespeitando às diferenças existentes entre as pessoas e, assim, institucionaliza-se um ideal perseguido até hoje. Por isso, faz-se importante e necessário, mesmo na educação infantil, uma discussão à respeito da diversidade que constitui a nossa sociedade, sem com isso acabar com a possibilidade de fantasiar, proporcionada pelos Contos de fadas. O compromisso do professor deve levar em conta a flexibilidade, a diversidade e a variedade que há no mundo das relações sociais e, nos interesses dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, colocando como meta da educação o pensamento de forma crítica.

Pensando especificamente sobre os estereótipos dos contos de fadas, é importante ressaltar que não são apenas nos contos de fadas que os paradigmas físicos e comportamentais estão presentes, mas também de modo mais amplo na mídia, por meio dos veículos de comunicação em massa, que também legitimam um padrão, um modelo considerado ideal. Quando falamos sobre os contos de fadas muito se enaltece sobre as histórias que falam sobre príncipes, princesas e mundos mágicos e encantados, e não estou afirmando que não devemos usar os contos de fadas, pelo contrário, acredito que as histórias têm seus méritos e irei fazer uso das mesmas durante a profissão porque os contos têm seus encantamentos e utilidade pedagógica, porém acredito que se faz necessário um trabalho que vá além da leitura de entretenimento e que essas histórias sejam apresentadas, mas que também sejam feitas atividades que promovam uma reflexão, de forma concomitante com outros contos de fadas – que abordam personagens com biótipos diferentes – porque dessa forma será possível demonstrar que existe outras culturas e biótipos que definem uma pessoa e assim promover a exaltação da diversidade cultural.

CAPÍTULO 3

PERSPECTIVAS DAS CRIANÇAS SOBRE OS ESTERÉOTIPOS FEMININOS

A conversa com as crianças foi realizada na creche escola Crescer Feliz, localizada na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, especificamente no bairro de Campo Grande. No total foram seis crianças, sendo quatro meninos e duas meninas, na faixa etária entre quatro e cinco anos e uma criança de sete anos. A dinâmica consistiu na leitura das histórias de Cinderela e Bela Adormecida, escritas por Perrault (1628 – 1703) e os irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), presentes no livro apresentado por Ana Maria Machado, intitulado *Contos de fadas: de Perrault, Grimm, Andersen e outros* (Figura 1), seguido de uma conversa sobre o tema, onde inicio com algumas perguntas já pré-estabelecidas.

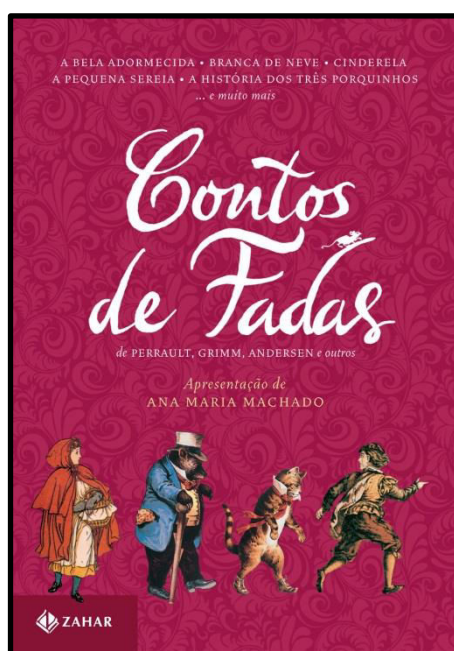


Figura 1: Livro de Ana Maria Machado

O objetivo da conversa foi refletir sobre de que maneira as crianças se apropriam dos estereótipos de gênero e problematizar como os estereótipos femininos dos contos de fadas atravessam o processo de construção da identidade da criança. Considerando o intuito da pesquisa as perguntas feitas foram todas relativas aos estereótipos físicos e comportamentais descritos nos contos de fadas, portanto mediante a observação e o aporte teórico utilizado nessa pesquisa irei analisar as respostas obtidas.

Em relação ao desenvolvimento da conversa no, início, as crianças se mostraram interessadas na proposta e participaram ativamente, contudo durante a dinâmica elas interromperam a leitura diversas vezes, tanto para posicionamentos referentes à história, mas também para falarem sobre outros assuntos, e cada vez que ocorria alguma pausa uma das meninas chamava atenção das outras crianças para ouvir a história, então, teve alguns momentos em que parei a leitura para ouvi-los e depois retomar a proposta. Na metade da proposta, as crianças demonstraram cansaço e sono e nesse momento tive que insistir e reunir todos em roda novamente, pois algumas crianças haviam se afastado, e precisava finalizar a conversa após a leitura das histórias, portanto a todo o momento chamava cada um pelo nome e pedia para sentar na roda. Já quase no final da dinâmica, os meninos perderam o interesse e dispersaram mais uma vez, porém as meninas continuaram sentadas ao meu lado, o que permitiu conversar com elas sobre os estereótipos femininos dos contos de fadas, que era um dos objetivos da proposta e depois chamei os meninos e trabalhei a mesma questão, sempre procurando observar nas falas das crianças como elas se apropriam dos estereótipos de gênero.

A maior dificuldade foi em manter o interesse das crianças na dinâmica até o final, porém após certo tempo eles ficaram agitados e andando pela sala e tive que me posicionar energicamente para que eles ficassem sentados. Outro fator que contribuiu para dificultar a dinâmica foi o fato de ser a primeira vez que tive contato com as crianças e também ter ficado sozinha com eles, sem a presença da professora. Esses percalços influenciaram no desenvolvimento da conversa, porque em alguns momentos tentei explorar as respostas das crianças e problematizar o que estava sendo discutido, todavia, considerando essas dificuldades, algumas questões ficaram sem a devida ampliação, mas mesmo com essas circunstâncias, acredito que a conversa foi interessante, visto que foi a primeira oportunidade que pude vivenciar e fazer uma pesquisa qualitativa na qual fui responsável pelo encaminhamento da mesma.

A seguir a apresento em forma de categorias o que encontrei como recorrente nas falas das crianças e o que considero importante para o debate sobre o tema.

3.1 A romantização dos contos de fadas

Quando questionadas sobre qual a parte eles mais gostaram da história, as respostas obtidas demonstraram que a visão que meninos e meninas possuem opiniões divergentes, pois

na perspectiva dos meninos as melhores partes nada tinham a ver com a história principal, que seria a relação entre o príncipe e a princesa, como pode ser observado nessa resposta:

Pesquisadora: O que vocês acharam dessas histórias?

Crianças: Legal!

Pesquisadora: E qual a parte que vocês mais gostaram?

Matheus (5 anos): A que a cinderela perdeu os sapatos.

Já no caso das meninas a resposta para essa questão foi referente aos personagens principais e seus dilemas, pois a menina mais velha disse que a parte que mais gostou da história, foi o momento em que o príncipe beijou a princesa, então questionei o motivo dessa escolha e ela disse que gostou por ser romântica, e da mesma forma, a menina mais nova expressou ter gostado do mesmo momento, o que está em consonância com o estabelecido por Farias e Rubio (2012. p. 4), “que afirmam que as crianças pequenas ficarão encantadas quando Cinderela se apaixonar imediatamente pelo príncipe”, como pode ser visto no destaque abaixo:

Pesquisadora: E qual a parte que vocês mais gostaram?

Pesquisadora: E da branca de neve? O que você mais gostou?

Bia (7 anos): Eu gostei da parte que ela beijou o príncipe

Pesquisadora: É? E porque você gostou mais dessa parte?

Bia (7 anos): Porque é romântica

Isabella (4 anos) A parte que eles (príncipe e princesa) estão juntos na escada

As diferenças nas respostas denota que as meninas entrevistadas romantizam essas cenas e criam um ideal de relacionamento atrelado à felicidade eterna, onde não existem problemas e se têm a ideia de que o marido irá protegê-la para sempre, contudo é preciso discutir essas histórias e mostrar que existem outras maneiras de ser feliz, até porque durante a conversa teve uma questão sobre o assunto e quando perguntei se existiam outras formas de ser feliz e as crianças disseram que sim, porém não souberem responder de quais maneiras, então cabe à pessoa que estiver lendo procurar uma maneira de instigar nas crianças a busca por outros objetivos que tragam realização pessoal, não que o casamento não seja uma delas, mas que compreendam que também podem buscar outros objetivos que tragam essa realização, como por exemplo, uma qualificação profissional.

Vale ressaltar que essa problematização pode ser feita de várias formas, tais como utilizando diferentes livros que mostrem outros tipos de histórias ou então propondo que as crianças entrevistem pessoas que fazem parte de seu cotidiano para saberem o que traz

felicidade para cada pessoa entrevistada, pois dessa forma a criança irá perceber que existe uma infinidade de respostas, mas que principalmente cada pessoa possui sua concepção de felicidade e realização pessoal, e dessa forma compreendam que possuem uma variedade de opções que podem escolher e buscar seus objetivos ao longo da vida.

O termo romantização também pode ser associado aos estereótipos de relacionamento, simbolizado nos contos de fadas que se traduz em um ideal pela busca de um homem que possua as características dos príncipes dos contos de fadas, então apesar da independência e das conquistas alcançadas pelas mulheres, muitas ainda tem a concepção de que para se sentir completamente feliz e realizada, é preciso encontrar um homem para estar ao seu lado, todavia essa concepção pode acarretar frustrações quando estas expectativas não são alcançadas. Analisando a perspectiva do homem os contos de fadas também trazem uma visão de um ideal de mulher, em que a mesma possui certos atributos físicos e comportamentais condizentes com os retratados nos contos de fadas na figura da princesa, mas da mesma forma a busca por essa perfeição tende a causar desapontamentos. Na sociedade atual, muito se vê homens associando a imagem da mulher para casar com aquelas idealizadas nos contos de fadas, ou seja, cuidam da casa e do marido, contudo qualquer mulher que não se enquadra nesses padrões sofre algum tipo de preconceito, e principalmente críticas em relação à forma que se vestem, comportam e se posicionam frente aos preconceitos a que são sujeitadas.

Quando pensamos sobre a romantização dos contos de fadas não é somente em referência ao romance entre a princesa e o príncipe, mas também a respeito de como essa romantização está presente no cotidiano das crianças, no sentido de estimular a mesma a acreditar que, no final das contas, tudo termina bem, ou seja, que seus problemas serão sempre resolvidos, todavia essa premissa não é sempre verdadeira, uma vez que alguns problemas e situações não tem solução. O ponto é mostrar para as crianças que nem sempre temos como resolver os problemas que surgem em nossas vidas, mas procurar desenvolver neles a ideia de que devemos ter autonomia para buscar a resolução de uma situação que enfrentamos e que necessariamente não precisamos ficar a espera do outro, da forma que a princesa aguarda ser resgatada pelo príncipe e a longo prazo essa prática faz com que a criança perceba que deve desenvolver sua independência e buscar suas metas e objetivos, e essa ideia a criança carrega durante seu processo de formação.

3.2 Os estereótipos de gênero

Pesquisadora: E se você fosse uma princesa o que faria de diferente das princesas das histórias?

Bia (7 anos): Eu ia casar com quem eu quisesse e ia ajudar a varrer a casa e fazer comida

Pesquisadora: Isabella vem cá. Se você fosse uma princesa o que você faria?

Isabella (4 anos): Casar com o príncipe, fazia o que quisesse

O fragmento acima se refere a uma das perguntas que tinha como objetivo saber o que as crianças fariam caso elas fossem as princesas e príncipes e as respostas, mais uma vez foram de acordo com o que era esperado, apesar de uma dualidade nas respostas das meninas, porque elas subvertem os estereótipos quando dizem que iriam casar com quem quisesse, e fazer o que tivesse vontade, então por essas respostas percebemos um indício de rejeição à alguns estereótipos de gênero expostos nos contos de fadas, especialmente ao que se refere ao comportamento irrepreensível associado a uma princesa, pois elas afirmaram que casariam com quem escolhessem. Por outro lado, ambas responderam que fariam os trabalhos domésticos, como por exemplo, varrer a casa e preparar a comida, então se percebe a presença de um conflito entre a forma que a identidade dessa criança vem sendo construída e a contribuição da discussão de novos paradigmas, que procuram estabelecer novos e variados estereótipos, pois apesar da resposta crítica mencionada acima, elas ainda tem como visão que os afazeres domésticos são funções exclusivamente femininas e devem ser desempenhados caso elas fossem princesas.

Por outra vertente as respostas dos meninos foram relacionadas às práticas esportivas e brincadeiras, e em nenhum momento se pronunciaram sobre os cuidados com a casa ou com um relacionamento amoroso, como no caso das meninas. Todas as respostas remeteram aos movimentos de ação, assim como o papel dos príncipes nos contos de fadas, que sempre são corajosos e destemidos, e as respostas sobre o que fariam se fossem príncipes são as seguintes:

Pesquisadora: Agora uma pergunta para os meninos

Pesquisadora: Eu quero saber se vocês fossem um príncipe, o que vocês fariam?

Miguel (4 anos): Oh tia a gente está jogando capoeira

Pesquisadora: Então, capoeira. O príncipe pode jogar capoeira?

Kauai (5 anos): Pode!

Pesquisadora: E o que mais um príncipe pode fazer? Se vocês fossem um príncipe o que fariam?

Yuri (4 anos): Jogar bola

Pesquisadora: E o que mais?
Matheus (5 anos): Andar a cavalo
Kauai (5 anos): Pular alto
Pesquisadora: Ah. E o que mais?
Miguel (4 anos): Andar de patinete

As questões possibilitaram perceber que os contos de fadas, assim como a construção social de gênero e suas respectivas determinações de papéis sociais que ocorreu ao longo dos anos, contribuíram na formação da identidade e do imaginário dessas crianças, principalmente lembrando que as histórias dos contos de fadas representavam o modelo social de cada período histórico, porque as respostas situam a forma que as crianças se apropriaram desses estereótipos físicos e comportamentais, que são semelhantes àqueles vistos nos contos de fadas, ou seja, o discurso das meninas ‘é um claro reflexo da ideia de “mulher ideal” propagada até o começo do século XX: a mulher que ficava em casa, cuidando dos afazeres domésticos (e, futuramente, também dos filhos).’ (BREder, 2013, p. 33), então mesmo considerando as respostas divergentes citadas ainda se percebe na fala das meninas a presença dos estereótipos femininos tradicionais, como mostrado nos contos de fadas. Já as respostas dos meninos mostra que o ideal de comportamento deles é parecido com o adotado pelo príncipe, pois nas histórias o príncipe é valente, herói e esta sempre em busca de novas aventuras.

3.3 Os estereótipos físicos e comportamentais nos contos de fadas

Nessa questão, indaguei sobre o que achavam como eram as princesas, suas características e se elas eram todas iguais as do livro. Nessa direção, também levantei a questão sobre o aspecto físico das princesas, e as respostas foram uma surpresa, pois as respostas obtidas foram críticas e reflexivas e revelaram como as crianças são capazes de subverter o que está implícito e se colocarem decidindo a partir dos desejos, vontades e percepções, uma vez que demonstraram discernimento de que nem todas as princesas são iguais, como mostra as seguintes respostas:

Pesquisadora: E como é que vocês acham que são as princesas? Elas são iguais as do livro?
Bia (7 anos): Às vezes não
Pesquisadora: E como é que elas podem ser diferentes?
Bia (7 anos): Tem princesa que só gosta de dinheiro e não gosta dos seus súditos
Pesquisadora: Vocês acham que as princesas são todas iguais? Todas tem o mesmo cabelo? Mesmo corpo?
Isabella (4 anos): Não

Bia (7 anos): Existe princesa gorda.

Durante essa parte esperava que uma das meninas que era negra dissesse que poderia existir uma princesa igual a ela, mas não obtive essa resposta e a reflexão que ficou foi o porquê ela não comentou sobre isso e a resposta pode estar nos padrões físicos das princesas que em nada se parece com essa menina, então se ela não se reconhece nessas histórias não tem como assimilar que poderiam existir princesas negras como ela. Considerando a falta de personagens negras nos contos de fadas pode gerar uma falta de referência para crianças negras, como pontua Peres, Marinheiro e Moura (2012, p. 9):

Nas histórias a quais nos referimos, é notória a total ausência da figura do negro, ou seja, a raça negra é constantemente negada não pela presença de estereótipos negativos, mas pela constante afirmação do ideal de raça branca. Assim sendo, o processo de construção da identidade da criança negra, se dá sem a referência cultural e, principalmente, corporal de sua raça.

Ainda abordando a aparência física das princesas questionei sobre os cabelos das mesmas, de como eles seriam e as elucidações foram de que existe uma variedade de tipos e cores de cabelos, como podemos ver nessa resposta das crianças:

Pesquisadora: E o cabelo delas como é que é?

Isabella (4 anos): É curtinho

Pesquisadora: Pode ser curtinho. E a cor do cabelo? Hein Isabella

Crianças: Preto, castanho, branco, rosa

Pesquisadora: Que cor pode ser o cabelo da princesa?

Miguel (4 anos): O cabelo da minha mãe é azul

Pesquisadora: E é liso, enrolado? Como é que pode ser?

Bia (7 anos): Pode ser liso, enrolado

Quanto às estereótipos comportamentais as respostas revelaram estar enraizadas em uma cultura onde se tem a percepção de que a forma de se portar em sociedade deve ser definida de acordo com seu gênero, pois na fala das crianças teve uma diferenciação entre meninos e meninas, ou seja, o que cada um pode fazer de acordo com seu gênero. E especificamente em relação, a forma como uma princesa deve se comportar as meninas disseram que precisa ser muito educada e não pode ficar de perna aberta, principalmente se estiver usando saia. Para exemplificar o trecho abaixo, retirado da conversa mostra essa diferenciação entre os gêneros:

Pesquisadora: E vocês acham as princesas, hein Isabella, meninos, Kauai, Yuri.

Pesquisadora: Vocês acham que uma princesa pode fazer tudo o que o príncipe faz?

Bia (7 anos): Não, porque os príncipes são diferentes

Matheus (5 anos): Não, porque menino é menino

Pesquisadora: Tá. Mas conta melhor essa história que está falando.

Matheus (5 anos): É porque o príncipe faz outras coisas, tipo as meninas podem brincar de casinha

Essa diferenciação de gêneros em relação aos comportamentos é uma questão que perpassa o processo de construção da identidade das crianças e a partir desta a criança vai se construindo também com esses atravessamentos dos estereótipos atribuídos a cada gênero. Em relação ao comportamento, as meninas são ensinadas desde cedo de que devem se comportar “como uma mocinha” e para isso devem manter uma determinada postura considerada exemplar. Então, ao longo dos anos, as meninas escutam diversas frases que reiteram a postura esperada delas, como por exemplo, as citadas pelas crianças na entrevista que quando perguntadas como se comportariam caso fossem princesas as meninas trouxeram em suas falas essa questão comportamental e já no caso dos meninos esse ponto não apareceu e somente falaram sobre as brincadeiras que poderia participar.

Por essa análise percebe-se a assimilação que ambos os gêneros têm sobre o comportamento que é esperado, todavia existe uma diferenciação na maneira que meninas e meninos são estimulados, pois vemos que as meninas são mais reprimidas a não fazer certas ações, enquanto que os meninos são criados sem tantas regras ao que diz respeito à forma que devem se portar na sociedade, possivelmente por essa razão foram as meninas que citaram esse ponto durante a conversa.

3.4 Diferenciações de gênero nas brincadeiras

Pesquisadora: E você acha que menina pode jogar bola?

Matheus (5 anos): Não

Pesquisadora: Você acha que meninos podem brincar de boneca?

Yuri (4 anos): Não

Pesquisadora: Por quê?

Yuri (4 anos): Porque é coisa de meninas

Pesquisadora: Isabella você acha que as meninas podem brincar de bola?

Isabella (4 anos): Não

Pesquisadora: Porque não?

Isabella (4 anos): Por que não

Com relação às brincadeiras, o trecho acima mostra que a maneira que essas crianças internalizaram os estereótipos durante a construção de sua identidade sofreu influências de um modelo difundido, tanto nos contos de fadas, quanto pela cultura na qual estamos inseridos, que como já citado é fundamentado no modelo patriarcal, que foi o eixo da organização social no Brasil, e em sua construção tinha como pilar social e financeiro a figura do homem como provedor e mantenedor da família. E nessa estrutura social homens e mulheres exerciam

diferentes atividades, sendo que para as mulheres eram delegadas as atividades domésticas, enquanto o homem saía para trabalhar e assim sustentar a família.

A definição do que seriam brinquedos e brincadeiras de meninos e meninas é uma construção histórica baseada nos papéis sociais femininos e masculinos, pois quando a criança está brincando ela não faz essa diferenciação de gênero, mas conforme vai crescendo e sendo influenciadas por essa cultura que caracteriza os brinquedos pelos gêneros elas “demonstram comportamentos, preferências, competências, atributos de personalidade mais apropriados para o seu sexo, seguindo, desde bem pequenos, as normas e padrões estabelecidos” (Finco, 2003, p. 3), então esses padrões estipulados socialmente se reflete nas brincadeiras, como mostrado na fala do menino, que ao ser questionado se meninos poderia brincar de boneca ele afirmou que não, pois considera que é uma brincadeira para as meninas.

Considerando a influência da cultura no processo de construção da identidade da criança e a forma que a sociedade é estruturada, vê-se nas brincadeiras das meninas a presença de atividades relacionadas aos cuidados com a casa, como por exemplo, brincar de casinha e de boneca, cuidar dos filhos (bonecas) e preparar a comida, já no caso dos meninos as brincadeiras mais comuns são jogar futebol e brincar com espadas e carrinhos. A estrutura social já impõe regras e condutas que influenciam nas brincadeiras e quando pensamos na indústria do brinquedo vemos que a mesma reitera mais ainda essa separação, classificando os brinquedos pelo gênero, inclusive quanto à organização física das lojas que separam os brinquedos ditos para meninos e meninas.

Outro fator que contribui para a manutenção dessa separação são os comerciais sobre os brinquedos no quais não aparece um grupo misto de crianças, ou seja, se o produto anunciado for uma boneca ou brinquedos para cuidados com a casa só aparece nas propagandas meninas, mas se o produto for um carrinho, espada ou bonecos de heróis quem aparece são os meninos. Esses comerciais atuam no imaginário infantil e fazem com que as crianças associem determinado brinquedo para um gênero específico, então considerando essa cultura agindo sobre essa criança fica explícito por que seus discursos não poderiam ser diferentes dos que foram expressos durante a conversa.

Ao que concerne às respostas dadas pelas crianças, de modo geral podemos afirmar que elas reproduziram um modelo de sociedade na qual se acredita que cada gênero possui suas funções e responsabilidades definidas, sendo que associado ao feminino são as questões

relativas ao trabalho doméstico e cuidados com a família citados pelas meninas, já em relação ao masculino os meninos não relataram a questão sobre provedor da família, e mostraram predominância em relatar as ações associadas às aventuras, como por exemplo, jogar bola e andar a cavalo, ou seja, atividades relativas aos heróis dos contos de fadas, contudo o que chama atenção é o fato de que os meninos quando questionados se as meninas também poderiam brincar e participar das mesmas atividades, todos afirmaram que não poderiam e a justificativa é que não eram brincadeiras de meninas, então por essa resposta vemos que a forma que essas crianças se construíram reflete a estrutura social que vivem, onde os papéis sociais femininos e masculinos foram definidos e sua alteração é um processo pelo qual a sociedade atual está passando, mas ainda tem um longo caminho a percorrer na busca da desconstrução dos estereótipos de gênero. Apesar das respostas condizentes com o esperado, tiveram respostas divergentes, que problematizavam os estereótipos e vieram da criança mais velha (sete anos), uma vez que possui um maior discernimento acerca das personagens da história, então foi possível extrair respostas críticas, embora em alguns momentos essa mesma menina mantivesse respostas em consonância com as ditas pelas crianças mais novas.

Enquanto educadora creio que não devemos naturalizar essa diferença de gêneros e nem delimitar as crianças em suas brincadeiras, pois em relação a essa questão considero que não cabe essa separação de gêneros, uma vez que sendo uma construção histórica, a criança não tem a concepção de que não deve brincar com determinado brinquedo. Quanto mais acesso à criança tiver aos brinquedos melhor, pois como mostrado nessa pesquisa por meio das brincadeiras, ela descobre o mundo e também se descobre enquanto ser social, portanto não devemos impor ou cercear as crianças em relação ao que escolhem como brincadeira. Acredito que “faz-se necessário que os professores respeitem a manifestação de cada criança ao brincar, já que, muitas vezes, ela irá brincar a partir de experiências que vivencia, ou que deseja vivenciar” (PAIVA; NUNES; DEUS, 2010, p. 94), nesse caso permitir que as crianças se apropriem dos brinquedos e brincadeiras da forma que querem faz com que entendam que não devem ser limitadas por seu gênero, não importando o que desejam fazer, seja em relação as brincadeiras ou em qualquer outro aspecto de sua vida.

A dinâmica (Figura 2) foi importante para perceber na prática como os estereótipos de gênero, em especial os femininos, constituem uma parte significativa da construção da identidade da criança, como já foi elucidado nessa pesquisa, e por meio da conversa com as crianças pude consolidar uma visão de que se faz necessário utilizar os contos de fadas em

uma ótica que favoreça que a criança problematize os estereótipos e que possa compreender que existem várias culturas e que cada uma possui suas particularidades e que não existe um único padrão a ser seguido, pelo contrário, a criança deve entender durante seu processo de construção que ela pode e deve ser apresentada a diferentes costumes, pois assim sua formação será mais completa, porque como pontua Barros, Nascimento e Silva (2012, p. 9): “contos de fadas [...] fascinam e estimulam a fantasia dos adultos e em especial das crianças, mexendo com a imaginação e a percepção. [...]. A fantasia ajuda a formar a personalidade dos indivíduos, através da interiorização dos valores que estão explícitos ou implícitos nas histórias infantis.”, portanto ao se utilizar os contos de fadas deve se saber sua importância na construção da identidade da criança e utiliza-los para refletir sobre as histórias e costumes difundidos.



Figura 2: Fotos da dinâmica

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo central refletir sobre os atravessamentos dos estereótipos femininos nos processos de construção da identidade da criança a partir dos contos de fadas. Aprofundando sobre as concepções de identidade e contos de fadas, e buscando discutir esses estereótipos, mais especificamente como os estereótipos femininos encontrados nestes contos podem de alguma maneira, corroborar com a perpetuação de uma visão de mulher doce e frágil a espera do príncipe.

Por meio dessa pesquisa, pude perceber um atravessamento dos discursos produzidos nos contos de fadas na fala das crianças. A elaboração dessa pesquisa permitiu uma reflexão sobre o tema proposto, além de ter aumentado meu interesse em seguir nessa temática em minha formação acadêmica a partir da conclusão dessa etapa. Entretanto, esta pesquisa, não esgota o tema, acredito ser uma temática que precisa ser mais discutida, principalmente nos ambientes acadêmicos e também nos escolares. A única ressalva é em relação à metodologia utilizada, que apesar de ter me permitido as repostas aqui apresentadas creio que para uma pesquisa mais extensa seria interessante fazer uma observação das interações das crianças que nesse caso seria o ambiente escolar, porque como explicitado às crianças podem evidenciar o que vivem em seu cotidiano nas brincadeiras de faz de conta, então “durante a brincadeira de faz de conta na escola, as crianças podem assumir gradativamente diferentes papéis sociais e compreender as relações que existem entre os mesmos.” (Paiva *et al*, 2010, p 94).

Como explicitado no capítulo três, tive algumas dificuldades durante a conversa com as crianças e acredito parte desses problemas ocorreram por alguns fatores, entre eles: a falta de prática em conversar com as crianças objetivando obter respostas para uma pesquisa, as crianças não me conhecerem, tendo sido esta a primeira vez que todos tivemos contato e em parte a ansiedade das crianças, acarretada pela festa de carnaval que teria mais tarde naquele dia. Como dito algumas perguntas, principalmente as do final da conversa poderiam ser mais exploradas, mas mesmo perguntando as crianças não responderam ou então responderam de maneira vaga para encerrar a conversa. Acredito que essa dinâmica teria sido mais bem aproveitada e poderia problematizar mais amplamente a visão dos estereótipos destacados nas falas das crianças, mas também percebi que as crianças contribuíram muito para o

desenvolvimento dessa pesquisa e que todo trabalho que tive foi válido e permitiu que compreendesse melhor a visão das crianças sobre os estereótipos dos contos de fadas. Para além dessa pesquisa, considero importante e necessário à ampliação da mesma, para que pudesse conversar com mais crianças e de idades variadas e principalmente observar seu convívio social no ambiente escolar, o que permitiria ver como os estereótipos são expressos no cotidiano da criança.

Diante do tema apresentado nessa pesquisa e após analisar as concepções dos autores citados acredito que é necessária uma discussão sobre o uso dos contos de fadas na sala de aula de forma que os docentes possam conhecer e se aprofundar nessas e outras histórias, para conhecer como surgiram e para qual finalidade. Também é interessante perceber que cada versão das histórias surgiu com um propósito e a partir dessa compreensão procurar maneiras de apresentar os contos de fadas para seus alunos, de modo a fazê-los viajar pelo mundo da leitura e imaginação, mas também perceber que cada história “é uma valiosa oportunidade para conhecer as nossas crianças, o que pensam de si e do outro, do seu espaço social, a conexão entre a realidade e fantasia (irreal).” (COUTO; CAMPOS, 2009, p. 13). Destaco ainda a relevância em conhecer e utilizar livros infantis que suas histórias mostram que podem existir outros tipos de princesas e príncipes, assim como outros personagens, pois assim poderá problematizar essas questões com as crianças de forma lúdica e muito mais prazerosa para os alunos

Ao final dessa pesquisa estou em acordo com Couto e Campos (2009, p.13), que trazem uma citação de Melo (2007, p. 21), ao falarem sobre a importância de problematizar essas histórias, pois apesar dos contos de fadas ser um gênero literário que oferece a possibilidade da criança se ressignificar conhecendo outras culturas e costumes “é necessário problematizá-lo para não torná-lo empobrecido. É preciso que as mensagens presentes nos textos possam ser questionadas e os pontos de vista, confrontados.”, portanto enquanto docente após a finalização dessa monografia tenho mais consciência de que devo sempre procurar aprofundar meus conhecimentos e oferecer as crianças possibilidade que reconheçam suas capacidades e permitam seu pleno desenvolvimento, principalmente considerando meu desejo de atuar no segmento da Educação Infantil, que sendo a primeira etapa da Educação Básica é onde a criança inicia seu contato com o universo escolar.

REFERÊNCIAS

ANGST, C. M.; HEINECK, F.; PINTON, F. M. Era uma vez na escola o conto de fadas: Possibilidades e desafios na formação inicial de professores de língua portuguesa. In: *Revista Científica do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem*. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16537/13889>>. Acesso em: maio 2016.

BARBOSA, Â. A literatura infantil e a construção da identidade feminina e masculina. In: *ENECULT*. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19171.pdf>>. Acesso em: janeiro 2016.

BARRETO, D. F.; JESUS, E. M. A mulher na sociedade capitalista. In: *Revista Espaço Livre*, vol. 6, nº 12, jul. dez. 2011. Disponível em: <<http://eliane-maria.blogspot.com.br/2012/04/texto-mulher-na-sociedade-capitalista.html>>. Acesso em: janeiro 2016.

BARROS, R. B.; NASCIMENTO, T. A. SILVA, M. A. A importância dos contos de fadas na educação infantil. In: *Fórum Internacional de Pedagogia*. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/5e5468d712b760f00aa4c978d7cf43ed_479.pdf. Acesso em: janeiro 2016.

BORGES, C. O preconceito nos contos de fadas. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/Clarice-Borges/o-preconceito-nos-contos-de-fadas>>. Acesso em: junho 2015.

BREDER, F. C. Feminismo e príncipes encantados: a representação feminina nos filmes de princesa da disney. Disponível em: <<https://literaturaexpandida.files.wordpress.com/2011/09/feminismo-e-prc3adncipes-encantados-a-representac3a7c3a3o-feminina-nos-filmes-de-princesa-da-disney.pdf>>. Acesso em: fevereiro 2016.

BRITO, D. A importância da leitura na formação social do indivíduo. In: *Periódico de Divulgação Científica da FALS, Guarujá, Jun. 2010, ano IV, nº VIII*, p. 1 – 35. Disponível em: <http://fals.com.br/revela12/Artigo4_ed08.pdf>. Acesso em: janeiro 2016.

CAMPOS, G. V.; COUTO, M. E. Os contos de fadas: a leitura e a construção do imaginário infantil. In: *Congresso Nacional de Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras*. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-29.pdf>. Acesso em: maio 2015.

CONTOS de Grimm. Disponível em: <http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/list>. Acesso em: janeiro 2016.

CRESCÊNCIO, C. Quem tem medo do feminismo? Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/hist/article/viewFile/2499/1330>>. Acesso em: janeiro 2016.

FARIA, E.; SOUZA, V. L. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. In: *Psicologia Escolar e Educacional*. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572011000100004 >. Acesso em: janeiro 2016.

FARIAS, F. R.; RUBIO, J. A. Literatura Infantil: a contribuição dos contos de fadas para a construção do imaginário infantil. In: *Revista Eletrônica Saberes da Educação*. Disponível em: <<http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Francy.pdf>>. Acesso em: maio 2015.

FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. Disponível em: < <http://www.cppnac.org.br/wp-content/uploads/2013/07/Rela%C3%A7%C3%B5es-de-genero-nas-brincadeiras-de-meninos-e-meninas.pdf>>. Acesso em: fevereiro 2016.

HOLZSCHUH, M. S.; STUDZINSKI, N. G. Contos de fadas e o desenvolvimento infantil. Disponível em: <<https://psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/contos-de-fada-e-o-desenvolvimento-infantil>>. Acesso em: maio 2015.

KNAUT, M. S. Concepção de Infância no século XIX e XXI: estudo comparativo a partir da prática pedagógica dos Centros Municipais de Educação Infantil. Disponível em: < <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiVs5HV1u3KAhUGi5AKHXNzBcQQFggcMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.saece.org.ar%2Fdocs%2Fcongreso3%2FSouza.doc&usg=AFQjCNE4WdVMjTNyMUvt1MY8WEZpA2XfTg> >. Acesso em: janeiro 2016.

MENEZES, E. M.; SILVA, E. L. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Disponível em: < https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf >. Acesso em: janeiro 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Revista criança do professor de educação infantil. Brasília: MEC, 2005. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rev_crian_38.pdf>. Acesso em: janeiro 2016.

OLIVEIRA, T. A importância dos contos de fadas no processo de ensino-aprendizagem. In: *Faculdade de Ciências da Educação e Saúde*. Disponível em: < <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2690/2/20460180.pdf> >. Acesso em: janeiro 2016.

PAIVA, N. S.; NUNES, L. G.; DEUS, M. F. A construção da identidade da criança na educação infantil numa perspectiva histórico-cultural. In: *Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas – UFU*, Uberlândia, Ano XI, n.11, 2010, p. 85-96. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/olharesetrilhas/article/viewFile/13903/7958> >. Acesso em: janeiro 2016.

PERES, F. C.; MARINHEIRO, E. L.; MOURA, S. M. A literatura infantil na formação da identidade da criança. In: *Londrina Revista eletrônica das licenciaturas/UDEL*. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/simone%20moura-fabiana-edwylson%20-%20pedagogia.pdf> >. Acesso em: janeiro 2016.

PINTO, C. Feminismo, história e poder. In: *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba , v. 18, n. 36, p. 15-23, Jun. 2010 . Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf> >. Acesso em: janeiro 2016.

SCHNEIDER, R. F.; TOROSSIAN, S. D. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. In: *Psicologia em Revista*. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682009000200009&script=sci_arttext >. Acesso em: janeiro 2016.

SILVA, M. O encantamento dos contos de fadas. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39574/000825102.pdf> >. Acesso em: janeiro 2016.

SOARES, V. Muitas faces do feminismo no Brasil. Disponível em: <http://www2.fpa.org.br/portal/uploads/feminismo_brasil.pdf>. Acesso em: janeiro 2016.

SORIANO, M.. Contos de fadas e identidade infantil. Disponível em: < <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/MEAS.2009.pdf> >. Acesso em: janeiro 2016.

XAVIER, C. F. Era uma vez uma princesa e um príncipe: representações de gênero nas narrativas de crianças. In: *Revista Estudos Feministas.*, v. 19, n. 2, p. 591-603, Ago. 2011 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000200019&script=sci_arttext> . Acesso em: janeiro de 2016.

ZILBERMAN, R.. A literatura infantil na escola. In: *São Paulo: Global Editora*, 2003, 11ª edição. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=dqhcBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=Contos+de+Fada+e+o+Desenvolvimento+Infantil&ots=nyQSBIqMsi&sig=GsYuqGaDHUZUyOoxE9RHd5pguEM#v=onepage&q=Contos%20de%20Fada%20e%20o%20Desenvolvimento%20Infantil&f=false>>. Acesso em: janeiro 2016.